

HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2021/22]

01

A PRÉ-HISTÓRIA

Gruta de Niaux, Foix, França, 12.000 AP.

BIBLIOGRAFIA

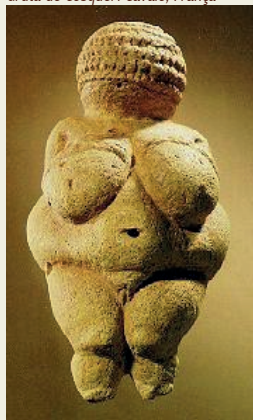
- ANDRADE, Marco António — AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DA ANTA DA HERDADE DA LAMEIRA, in O Arqueólogo Português, série V - vol. 3, MNA /IN-CN, Lisboa, 2013
- CLOTES, Jean, COURTIN, Jean, VANRELL, Luc — COSQUER REDÉCOUVERT, Le Seuil, Paris, 2005
- GOMBRICH, E. H. — THE STORY OF ART, Phaidon Press, Oxford, 1972
- GONÇALVES, Victor S. — AS DEUSAS DA NOITE: O PROJECTO «PLACA NOSTRA»..., in Revista Portuguesa de Arqueologia, vol.7-2, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2004
- HAUSER, Arnold — HISTÓRIA SOCIAL DA ARTE E DA CULTURA 1, Estante Editora, Aveiro, 1989
- HUYGHE, René (ed.) — ART AND MANKIND (VOL. 1), Hamlyn, London, 1962
- JANSEN, H. W. — HISTÓRIA DA ARTE, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972
- MARCIANO, Cândido — SOBRE O POSSÍVEL SIGNIFICADO ASTRONÓMICO DO CROMLECH DOS ALMENDRES, Edição GEMA, (?), 2005
- READ, Herbert — O SIGNIFICADO DA ARTE, Editora Ulisseia, Lisboa, 1968
- PEÑA, Pablo Atoche — LAS CERÁMICAS A LA ALMAGRA DE LA CUEVA DE LA CARIGÜELA, in Tabona, vol. VI, Universidad de la Laguna, Tenerife, 1985-87
- PEREIRA, Paulo (coord.) — HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA, Círculo de Leitores, Lisboa, 1995
- SANZ, Inés Domingo — TÉCNICA Y EJECUCIÓN DE LA FIGURA EN EL ARTE RUPESTRE LEVANTINO, Universitat de Valencia, Valencia, 2005

ÍNDICE

COUPS-DE-POINGS PALEOLÍTICO	01
VENUS VON HOHLE FELS , CA. 35.000 AP PALEOLÍTICO. AURIGNACENSE	02
GROTTE DE COSQUER , CA. 27.000 AP PALEOLÍTICO. GRAVETENSE	03
GROTTE DE LASCAUX , CA. 17.000 AP PALEOLÍTICO. SOLUTRENSE	04
CUEVA DE ALTAMIRA , CA. 12.000 AP PALEOLÍTICO. MAGDALENENSE	05
COVES DE L'ARANYA , CA. 8.000 AP MESOLÍTICO	06
CROMLECH DOS ALMENDRES , CA. 7.950 — 4.500 AP NEOLÍTICO	07
VASO DE CERÁMICA , CA. 6.450 — 5.450 AP NEOLÍTICO	08
PLACA-ÍDOLO , CA. 4.950 — 4.450 AP NEOLÍTICO	09
ANTA DA ARQUINHA DA MOURA , CA. 4.850 — 4.650 AP NEOLÍTICO	10



Gruta de Cosquer: Cavalo, França



Vênus de Willendorf



Menires de Cloonlaur, Irlanda

A **Arte Pré-Histórica** compreende o estudo da produção e das manifestações “artísticas” do Homem no período anterior ao surgimento da Escrita.

Neste estudo incluem-se tanto os objectos com funções meramente práticas — pontas, bastões, propulsores, agulhas, etc. — como as manifestações que incluem uma prática «estética», mesmo que ainda muito primitiva, ou crença — placas, «vénus», pinturas rupestres, cerâmica, menires, etc. A falta de uma escrita conduz a uma análise por dedução e comparação com as civilizações primitivas ainda existentes, para as quais contribuem a **Arqueologia**, a **Paleontologia** e a **Antropologia**.

O abade **Henri Breuil** elaborou a primeira sistematização da Arte Pré-histórica em «*Quatre cents siècles d'art pariétal*» de 1952, assentando a sua teoria em dois períodos: o Aurignacense-Perigordense (com desenhos labirínticos feitos com os dedos e as primeiras representações de animais, que culminariam em Lascaux) e o Solutrense-Magdalense (com gravações e pinturas muito simples, que evoluíram até formas complexas, culminando com Altamira).

O sistema de datação a partir do C14 permitiu a **André Leroi-Gourhan** criar um novo sistema cronológico-evolutivo: Período pré-figurativo, Período primitivo (Estilos I e II), Período arcaico (Estilo III), Período clássico (Estilo IV Antigo) e Período tardio (Estilo IV Recente).

Os diferentes períodos históricos variam de acordo com a região e continente, sendo neste caso a Europa ocidental a referência cronológica.

Cronologia

- | | | | |
|--|-----------------------------|---------|--------------|
| • Paleolítico Inferior | — ABBEVILLENSE; | 1,5 MA | — 760.000 AP |
| | — ACHEULENSE; | 760.000 | — 350.000 AP |
| • Paleolítico Médio | — MOUSTERIENSE; | 350.000 | — 45.000 AP |
| • Paleolítico Superior | — PERIGORDENSE: | | |
| | Châtelperronense; | 42.000 | — 32.000 AP |
| | Aurignacense (Estilo I); | 35.000 | — 29.000 AP |
| | Gravettense (Estilo II); | 29.000 | — 21.000 AP |
| | — SOLUTRENSE (Estilo III); | 21.000 | — 18.000 AP |
| | — MAGDALENENSE (Estilo IV); | 17.000 | — 12.000 AP |
| • Mesolítico | — AZILENSE; | 11.700 | — 10.000 AP |
| • Neolítico; | | 10.000 | — 4.000 AP |
| • Calcolítico — Idade do cobre; | | 5.000 | — 3.000 AP |
| • Idade do bronze; | | 3.300 | — 1.200 AP |
| • Idade do ferro. | | 1.200 | — 50 AP |



Cronologia

PALEOLÍTICO INFERIOR - ABBEVILLENSE — 1.500.000 — 760.000 AP

PALEOLÍTICO INFERIOR - ACHEULENSE — 760.000 — 350.000 AP

Coups-de-poings lascados em ambas as faces (bifaces) — Técnica Clactonense. [1]

Bifaces lascados e retocados, de formas lanceoladas e ovais — Técnica Tayacense. [2]

PALEOLÍTICO MÉDIO - MOUSTERIENSE — 350.000 — 45.000 AP

Pontas com acabamento escamoso — Técnica Levalloisense; [3]

Peças com entalhes, facas de dorso;

Os bifaces são mais raros.

«Pontas bifaces lascadas»

Os *Coups-de-poings*, termo comum francês para designar as *Pontas*, são objectos utilitários sem alguma preocupação estética na sua manufactura.

Peças normalmente realizadas em **Sílex**, uma pedra bastante resistente mas com propriedade de fractura fácil, pelo que eram trabalhadas por percussão de duas pedras, por forma a “lascar” uma delas até se obter uma forma ponteaguda, como a ponta de uma seta ou de uma faca. Precisamente devido ao processo utilizado e realizado nos dois lados da pedra se denominam *Bifaces de pedra lascada*.

Utilizadas directamente com a mão ou aplicadas em varas de madeira, mais ou menos longas, serviam de punhais, lanças ou machados durante a caça. Também se sabe que funcionando como setas eram lançadas com o auxílio de uma vara que funcionava como alavanca de arremesso.

Com a evolução do Homem e da técnica, os *Coups-de-poings* foram sendo aperfeiçoados, retocados, apresentando lascas menos evidentes, até apresentar um aspecto escamoso. Mais tarde, seriam mesmo lisos, sendo esfregados noutra pedra para lhes conferir um aspecto polido, pelo que se denominaram *Bifaces de pedra polida*. [4]

É certo que este aperfeiçoamento tem, uma vez mais, uma função prática, tornando a ponta mais eficaz, mais perfurante ou cortante, mas abre o caminho para a obtenção de formas mais perfeitas — teria também uma preocupação estética?

No Paleolítico Superior surgiram ainda outro tipo de utensílios, como arpões, facas, agulhas, feitos em osso ou em marfim. Sendo materiais mais macios, algumas dessas peças apresentavam já motivos decorativos.



[1]



[2]



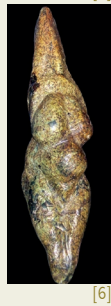
[3]



[4]



[5]



[6]



[7]

Cronologia

PALEOLÍTICO SUPERIOR - AURIGNACENSE (ESTILO I/II) — 35.000 — 29.000 AP

35.000 AP — *Vénus de Hohle Fels*, gruta de Hohle Fels, Schelklingen, Alemanha; [1]

30.000 AP — *Vénus de Galgenberg*, sítio de Stratzing, Áustria.

PALEOLÍTICO SUPERIOR - GRAVETENSE (ESTILO II) — 29.000 — 21.000 AP

29.000 AP — *Vénus de Dolní Vestonice*, sítio de Dolní Vestonice, Brno, República Checa; [2]

26.000 AP — *Vénus de Lespugne*, grotte des Rideaux, Lespugne, França; [3]

25.000 AP — *Vénus de Laussel*, abrigo de Laussel, Marquay, França; [4]

25.000 AP — *Dame de Brassempouy*, grotte du Pape, Brassempouy, França; [5]

25.000 AP — *Vénus de Willendorf*, sítio de Willendorf, Áustria; [Intro]

24.000 AP — *Vénus de Kostenki*, sítio de Kostyonki-Borshchyovo, Rússia; [7]

23.000 AP — *Vénus de Savignano*, sítio de Savignano sul Panaro, Itália. [6]

São do período *Gravetense* a maioria de pequenas esculturas em forma de figura feminina, que, pelas suas características, se denominaram **Vénus** — Willendorf, Lespugne, Laussel, Savignano, etc. — cuja designação está associada ao local onde foi encontrada: gruta, abrigo ou sítio arqueológico. Produzidas em marfim ou em pedra, a sua função está certamente associada a crenças relativamente à reprodução da espécie, à sobrevivência e à longevidade.

«Vénus de Hohle Fels»

A **Vénus de Hohle Fels** ou **Vénus de Schelklingen** [1] foi encontrada em 2008 na gruta Hohle Fels, em Schelklingen, na região dos Alpes Suábios, por uma equipa de arqueólogos liderada por Nicholas J. Conard, da *Eberhard Karls Universität Tübingen*.

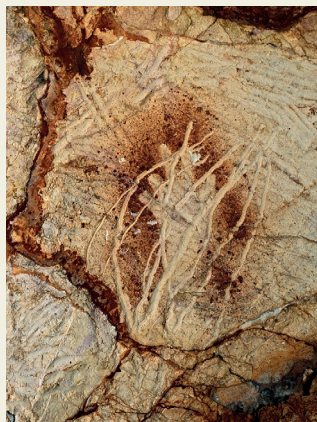
A partir da datação por radiocarbono C14, a figura foi situada entre 35 e 31 mil anos AP, ou seja, ainda no período Aurignacense, pelo que corresponde à mais antiga representação de arte figurativa humana conhecida (apenas a representação de um leão é mais antiga).

Esculpida em marfim de mamute lanoso, a estatueta de pequenas dimensões seria usada como um amuleto, já que, no lugar da cabeça, possui uma protuberância perfurada.

As suas características são típicas deste tipo de figuras — seios e ancas desenvolvidas, braços pousados sobre a barriga, pernas e acentuação do sexo — numa representação simplificada e geométrica, pelo que lhe é atribuída o simbolismo de «deusa da fertilidade».



[1]



[2]



[3]



[4]

Cronologia

PALEOLÍTICO SUPERIOR - AURIGNACENSE (ESTILO I/II) — 35.000 — 29.000 AP

35.000 AP — *Gruta de Coliboaia*, Parcul Natural Apuseni, Câmpeni, Roménia;

32.000 AP — *Gruta de Chauvet*, Ardèche, França;

30.000 AP — *Gruta de Pair-non-Pair*, Prignac-et-Marcamps, França.

PALEOLÍTICO SUPERIOR - GRAVETENSE (ESTILO II) — 29.000 — 21.000 AP

27.000 AP — *Gruta de Cosquer*, Calanque de Morgiou, Marselha, França;

27.000 AP — *Gruta de Gargas*, Gargas, Cosquer, etc.

São do Período Primitivo - Estilo II, segundo a classificação de André Leroi-Gourhan, as primeiras figuras zoomórficas com características uniformes identificáveis, a par de impressões de mãos — Chauvet, Pair-non-Pair, Gargas, Cosquer, etc.

«Gruta de Cosquer»

A **Gruta de Cosquer** foi descoberta em 1985, na região de Marselha, pelo mergulhador Henri Cosquer, pois actualmente a entrada encontra-se 37 m abaixo do nível do mar, dando acesso a um túnel ascendente com 175 m que termina numa câmara com registos datáveis por radiocarbono de 27.000 a 19.000 anos AP.

Do período *Gravetense* existem 65 «stencils» de mãos a preto e alguns a vermelho [2]. Nestas impressões situadas no lado este da câmara, encontraram-se uma a vermelho em positivo, uma de criança, situada no tecto, algumas com os dedos dobrados ou sem os dedos todos, o que indicia a existência de patologias na época. Por vezes, estas pinturas eram realizadas sobre marcas de linhas e pontos esgrafitadas na superfície calcária, o que as coloca entre 28.000 a 26.000 AP.

A representação de animais é mais tardia, do período *Solutrense*, situando-se nos 19.000 anos AP. São cerca de 170 figuras sobreviventes acima da linha de água, que atestam a diversidade da fauna na região mediterrânica — cavalos (63) [1], de corpo inteiro ou apenas a cabeça, ibex (28), bisontes [3], auroques (24) e renas vermelhas (15). É surpreendente a representação de animais hoje extintos na fauna europeia — camelos (4), renas megaloceros (2), um felino, um antílope — e animais marinhos — focas (9), peixes (4), alcas ou tordas-megulheiras (3) [4]. Por identificar ficaram 20 representações de animais e de outros 3 híbridos. Existem também manifestações associadas à sexualidade, como uma forma fálica e de um sexo feminino.



[3]

[4]

Cronologia

PALEOLÍTICO SUPERIOR - PERIGORDENSE (ESTILO II) – 42.000 – 21.000 AP

22.000 AP – *Sítios do Vale do Coa*, Vila Nova de Foz Côa, Portugal.

PALEOLÍTICO SUPERIOR - SOLUTRENSE (ESTILO III) – 21.000 – 18.000 AP

17.000 AP – *Gruta de Lascaux*, vale do Vézère, Dordogne, França;

18.000 AP – *Gruta de La Pasiega*, vale do Pas, Puente Viesgo, Espanha.

Neste período, as representações parietais atingem grande qualidade técnica e estética – animais com corpos muito grandes, com cabeças e extremidades pequenas.

Observam-se vários procedimentos artísticos, como: **Policromia**, com recurso a matérias naturais como os ocre e hematites (vermelho), óxido de manganésio (preto) e caulino (branco), por vezes aglutinados; **Perspectiva**, em que os animais são representados com o corpo visto de lado e os chifres e as patas de frente; **Anamorfose**, deformação que em determinado ponto de vista não é observável; **Vazios**, aproveitamento da superfície não pintada como cor (como na aquarela).

«Gruta de Lascaux»

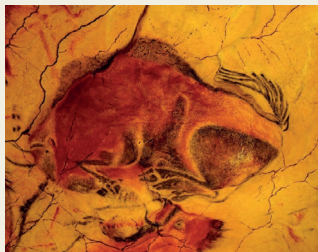
Situada no vale do rio Vézère, próximo de Périgueux, a **Gruta de Lascaux** foi descoberta em 1940 pelo jovem Marcel Ravidat, sendo validada por Henri Breuil, que a situou no período Perigordense. Recentemente, a sua datação posiciona-a no final do Período Solutrense, em 17.000 AP. Considerada um dos melhores exemplos de Arte Rupestre, não só pela quantidade (1900 pinturas registadas) como pela qualidade, está inscrita pela UNESCO como Património Mundial (1979).

Constituída por três galerias, com um total de 235 metros e um desnível de 30 metros, definiram-se salas ou zonas para melhor compreensão da sua estrutura. A seguir à entrada, a norte, situam-se:

- **Sala dos Touros** principal espaço com 17 x 6 m, é decorada com representações de auroques (touros) [1], cavalos, um “unicórnio (?)” [2], cervos e um urso [3];
- **Divertículo axial** com representações de bovídeos, cavalos, cervos e cabritos;
- **Passagem** → **Nave** com a representação uma vaca negra, cervos e bisontes;
- **Divertículo dos Felinos** com a com representação de felinos, um cavalo visto de frente;
- **Ábside** (à direita da passagem) com cerca de mil pinturas sobrepostas e uma rena [4];
- **Paço** com representações enigmáticas: um homem com cabeça de pássaro, um rinoceronte, um cavalo e vários signos.



[1]



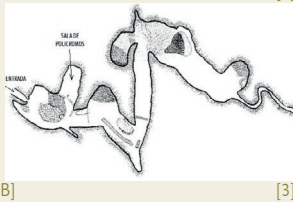
[1A]



[2]



[1B]



[3]

Cronologia

PALEOLÍTICO SUPERIOR - MAGDALENENSE (ESTILO IV) — 17.000 – 12.000 AP

- 15.000 AP — *Abrigo de Cap-Blanc*, vale do Beaune, Eyzies, França;
- 14.000 AP — *Gruta de Tuc-d'Audoubert*, Montesquieu-Avantès, França;
- 12.000 AP — *Gruta de Altamira*, Santillana del Mar, Cantabria, Espanha;
- 12.000 AP — *Gruta de Niaux*, Niaux, Foix, França;
- 11.700 AP — *Gruta dos Trois-Frères*, Montesquieu-Avantès, França.

Neste período, as representações parietais atingem grande realismo de proporções e pormenores. Os pigmentos de óxido de ferro (vermelho), os ocre (amarelo a vermelho) e o carvão vegetal (preto), a seco ou aglutinados com água ou mesmo com gordura animal eram aplicados directamente com os dedos ou envoltos num tecido à laia de pincel, assim como soprados com osso de ave (como em aerografia).

«Gruta de Altamira»

Situada nas proximidades de Santillana del Mar, na Cantabria, a **Gruta de Altamira** foi descoberta em 1868 por Modesto Cubillas e estudada por Marcelino Sanz de Sautuola. As pinturas abrangem vários períodos, que vão do Aurignacense ao Magdalénense, 36.500 a 12.000 AP. Um dos melhores exemplos de Arte Rupestre, está inscrita na UNESCO como Património Mundial (1985).

Constituída por uma galeria com 270 metros, de largura variável, tem um percurso em “Z” com poucas ramificações [3]. A seguir à entrada, a norte, situam-se:

- **Átrio**, zona de abrigo onde se encontraram vários artefactos;
- **Grande Salão** [1], ou *Capela Sistina do Quaternário*, principal espaço com 18 x 9 m, com o tecto decorado com representações de inúmeros bisontes [1], cavalos, cervos [2] e javalis;
- **Galeria** [IV] com representações de cervos machos e fêmeas;
- **Sala** [VII e VIII] com desenhos elementares a preto e signos e linhas;
- **Sala do buraco** [IX] com representações de íbis, um cervo fêmea e um quadrúpede;
- **Cauda de cavalo** [X] com um bisonte, uma cabeça de cerva, cavalos e bovídeos.

Em Altamira é de destacar a precisão técnica do artista, a representação em diferentes posições dos animais e o aproveitamento do relevo das paredes, conferindo dinamismo e volume às figuras. As pinturas teriam sido realizadas pelo mesmo autor, que foi identificado noutras grutas.



Cronologia

MESOLÍTICO — 12.000 — 7.000 AP

10.000 AP — *Masía de la Cueva*, La Sarga, Espanha;

8.000 AP — *Abrigo de Tortosilla*, Ayora, Espanha;

8.000 AP — *Cuevas de la Araña*, Bicorp, Valencia, Espanha;

7.000 AP — *Cova Remigia*, Ares del Maestre, Casellón, Espanha.

NEOLÍTICO — 10.000 — 4.000 AP

4.500 AP — *La Cocinilla del Obispo*, Pinares de Rodeno, Albarracín, Espanha;

1.500 AP — *Cueva de los Letreros*, Almería, Espanha;

1.500 AP — *Abrigos de Barfálu*, barranco de la Choca, Huesca, Espanha.

Na região sudeste de Espanha, da Catalunha à Andaluzia, encontraram-se um conjunto de pinturas parietais que se situam entre o Epipaleolítico e o Neolítico — denominada **Arte Levantina**.

Encontrada em pequenas grutas ou abrigos rochosos — Remigia, Almadén, La Sarga, La Araña, Cervo, etc. — onde eram utilizados pigmentos minerais em cores de vermelho, preto e branco e um excipiente orgânico, cuja aplicação se fazia a pincel. Estes locais, na maioria, foram santuários. Descrevem cenas do quotidiano e de caça, dança ou lutas entre grupos. O homem é representado com bastante frequência de uma forma estilizada e esquemática, normalmente em grupo, o que confere um certo dinamismo ao conjunto.

«Grutas da Aranha»

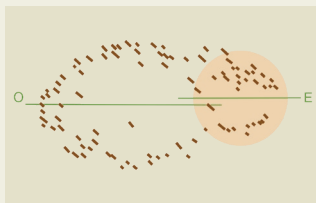
As **Coves de l'Aranya** (em valenciano) ou **Cuevas de la Araña**, situadas no município de Bicorp, em Valencia, foram descobertas nos princípios do séc. XX pelo professor da região Jaime Garí i Poch. Constituídas por três abrigos, possuem no total 123 figuras antropomórficas e zoomórficas. Excelente exemplo da Arte Levantina, está inscrita na UNESCO como Património Mundial (1998).

As figuras representadas inserem-se nas características da Arte Levantina — simplificação, geometrização e repetição em tons de ocre.

Descrevem-se aqui cenas de caça às cabras selvagens, perseguidas por homens com arco e flecha, numa narração relativa a diferentes momentos sem preocupação cronológica, bem como uma cena de um homem a trepar por umas líanas para capturar mel, estando rodeado de abelhas e o favo inscrito numa cavidade da rocha aparentemente natural. Existe ainda uma cena de dança.



Almendres, 2002/16 © j.m.russo



Cronologia

NEOLÍTICO — 10.000 — 4.000 AP

- Ca. 7.950 AP — *Cromeleque dos Almendres*, Nª Sª de Guadalupe, Évora, Portugal;
- Ca. 7.950 AP — *Cromeleque de Vale Maria do Meio*, Nª Sª da Graça, Évora, Portugal;
- Ca. 6.450 AP — *Alinhamentos de Carnac*, Bretanha, França;
- Ca. 5.450 AP — *Túmulo de Gravinis*, Morbihan, Bretanha, França;
- Ca. 5.050 AP — *Stonehenge*, Wiltshire, Inglaterra.

A cultura *Megalítica* é um fenómeno ocidental do Neolítico, encontrando-se duas zonas de grande concentração: no Oeste de França e no Sudoeste da Península Ibérica. Esta “Arquitectura” relaciona-se com o culto da morte, sendo as primeiras “construções” simples monólitos — **Menires** — colocados isoladamente ou em alinhamentos, como em Carnac, ou em círculo — os **Cromlech** (do gaélico) — como os de Avebury e Stonehenge, em Inglaterra, ou Almendres, mas com carácter ritual.

«Cromlech dos Almendres»

O **Cromlech dos Almendres** foi divulgado no II Congresso Nac. de Arqueologia em 1964 por Henrique L. Pina, tendo sido classificado como I.L.P. em 1974 e como Monumento Nacional em 2015. Edificado numa encosta de suave declive a 413 m de altitude, é constituído por 95 monólitos de altura variável, tendo o maior 3 metros, foi erguido em três fases com recurso a pedra da região.

- 1ª Fase — construção orientada para Este de 2/3 círculos concêntricos (ø 18,8 m);
- 2ª Fase — ampliação para Oeste de 2 elipses concêntricas (43,6×36 m), cerca de 6.500 AP;
- 3ª Fase — alteração dos recintos no Neolítico final (4.500 AP), convertendo-se a primeira construção num “átrio”, assim como a alteração de alguns monólitos com gravuras antropomórficas, báculos, espirais e círculos.

Apesar do ligeiro desalinhamento dos eixos dos dois recintos, nessa direcção encontra-se o **Menir dos Almendres**, de 4,5 m de altura, situado a 1,4 km para Este.

Este tipo de construções têm suscitado interpretações diversas — considerando a inexistência de espólio de uso doméstico, o rigor da sua orientação, o número de menires ou as dimensões, no todo ou em parte, é possível identificar uma forte relação aritmética com o sistema solar, pelo se acredita que tivessem uma função ritual associada ao solstício da Primavera. Não se excluiu, no entanto, a existência de uma função social.



[1]



[1A]



[2]



[3]

Cronologia

NEOLÍTICO — 10.000 — 4.000 AP

Ca. 6.450 – 5.450 AP — *Vaso de cerâmica*, Pecho Redondo, Marbella [1];

Ca. 6.250 – 4.950 AP — *Vaso de cerâmica*, Cueva de los Murcielagos de Zuheros, Córdoba [2]

Ca. 6.250 – 4.950 AP — *Vaso de cerâmica*, Cádiz [3].

No Neolítico, associado à sedentarização — fixação em pequenos povoados de homens que se dedicam ao pastoreio e à agricultura — surgem por volta do 9º milénio AP, de entre outros utensílios diários, os primeiros objectos em cerâmica cozida ao ar livre.

Produzidos manualmente, as formas toscas dessa cerâmica foi evoluindo no alisamento e na decoração das suas superfícies — por incisão ou excisão, eram executados motivos geométricos, técnica que gradualmente foi sendo substituída pela aplicação de corantes ou pinturas na sua superfície.

«Pote de cerâmica de almagra»

Na Península Ibérica, na região da Andaluzia, povoada desde o 8º milénio AP, surge uma Cerâmica de almagra ou «Cerâmica à la almagra», produzida em almagre, uma pasta de argila vermelha, com engobe de almagre aplicado na superfície exterior e cozida. Tardiamente, a superfície das vasilhas eram espatuladas, o que lhe conferiam um aspecto alisado.

Além da forma esférica [3], a mais frequente, esta cerâmica adquiriu configuração elipsoidal, ovóide [1], troncocónica ou cilíndrica, mas também campaniforme, comum no Neolítico recente.

No aspecto decorativo, foram bastante variados os motivos aplicados — incisões, impressões e nervuras lineares em relevo [1A] — assim como os elementos de suspensão ou de pega — em ponta [1A], asas de fita [2], asas de furo [3], entre outras.

A decoração da cerâmica de almagra tem sido associada à influência da cultura de Cerâmica Cardium ou Cardial (pelo uso de conchas da família *Cardiidae* na impressão), proveniente da região europeia oriental. No entanto, há que considerar que esta cultura entrou na Península Ibérica bastante mais tarde, pelo que só no Neolítico final se poderá considerar essa influência.

Apesar da sua utilização quotidiana, muitos destes potes e vasos, sobretudo os cilíndricos, menos comuns, foram encontrados em bens funerários de sepulturas em cavernas (Huelva, Cádiz e Almería), uma prática comum nos rituais primitivos.



RMCC, Lisboa, 2017 © j.m.russo

[1]



[1A]



[2]



[3]

Cronologia

NEOLÍTICO — 10.000 – 4.000 AP

4.950 – 4.450 AP — *Placa-Ídolo*, Montemor-o-Novo, Portugal [1];

4.950 – 4.450 AP — *Placa-Ídolo*, Évora, Portugal [2];

4.950 – 4.450 AP — *Báculo*, Anta da Herdade das Antas, Montemor-o-Novo, Portugal [3].

No período do Neolítico, além da radical mudança nos costumes quotidianos do Homem, observou-se uma alteração relativamente às suas crenças — a magia e a exorcização das pinturas rupestres dão lugar a rituais religiosos. «*Com a crença e os actos de culto surge a necessidade de ídolos, amuletos, símbolos sagrados, ofertas votivas, cerimónias fúnebres e monumentos funerários*» (A.Hauser). O naturalismo das suas manifestações “artísticas” dá lugar ao geometrismo, já observável na Arte Levantina.

«Placa-Ídolo»

É neste âmbito que se enquadram as centenas de placas de xisto ou ardósia, de formato trapezoidal com os cantos boleados, encontradas no sudoeste da Península Ibérica — sul de Portugal e no centro-oeste de Espanha — principalmente em sepulturas como os *dólmenes*. A existência de furação, um ou dois furos, indica que seriam colocadas ao pescoço do defunto, e quando não, colocadas sobre o seu corpo. A sua dimensão varia entre os 8 e os 25 cm de altura.

Estas **Placas-Ídolo** [1] apresentam uma superfície totalmente decorada com motivos geométricos lineares e triangulares [1A], ou mesmo em listas, em zig-zag ou em xadrez. Nalguns exemplares, a estrutura da decoração torna possível a identificação de uma divisão em quatro partes na horizontal — cabeça, separador cabeça-corpo, corpo e fim de placa.

Também têm sido associadas características antropomórficas a estes objectos, evidenciadas pelo desenho, pelo recorte superior [2] ou pela dupla furação (correspondendo aos olhos), por vezes com decoração de radiação (*Olhos de Sol*).

São ainda de assinalar as placas em forma de *Báculo* (bordão com a extremidade superior em arco usado pelos bispos) [3] com o mesmo estilo de decoração geométrica.

Embora se pensasse tratar de objectos associados à «Deusa-Mãe», é provável tratar-se de registos de identificação de um clã ou de uma família do defunto, sua linhagem e geração, evidência de uma sociedade organizada com consciência colectiva.



Lajeosa do Dão, 2020 © j.m.russo

[1]



[2]



[3]

[4]

Cronologia

NEOLÍTICO — 10.000 – 4.000 AP

Ca. 6.250 AP — *Dólmen de Alberite*, Cádiz, Espanha;

Ca. 5.950 AP — *Anta Grande do Zambujeiro*, N^a S^a de Tourega, Valverde, Portugal;

Ca. 4.850 AP — *Anta da Arquinha da Moura*, Lajeosa do Dão, Tondela, Portugal;

Ca. 3.850 AP — *Nuraghe*, Sardenha, Itália.

Na cultura *Megalítica* a “arquitetura” relacionada com o culto da morte evolui dos **Menires**, isolados ou em alinhamentos, para as sepulturas colectivas — **Dólmens** (**Antas** ou **Orcas**) e **Mamoas**, os **Hipogeus**, escavados na própria pedra, ou os **Nuraghe** da Sardenha.

O **Dólmen** (do bretão, *dolmen*) caracteriza-se por um espaço poligonal ou circular delimitado pelos **Esteios**, monólitos colocados na vertical, coberto por uma **Laje**, também denominada **Mesa**. O **Dólmen de corredor** possui uma galeria igualmente ladeada de esteios e coberta de lajes de menores dimensões. Por vezes, o dólmen era cobertos por terra — **Mamoa** (do latim, *mammulas*) — ou por pedras — **Cairn** (do escocês, *càrn*) — o que lhe conferia a configuração de uma colina. Pensa-se que as construções mais complexas sejam mais antigas do que as mais simples.

«Anta da Arquinha da Moura»

A **Anta da Arquinha da Moura** ou **Anta da Lajeosa** [1] é uma mamoa de dólmen com corredor, átrio e anel lítico [2], datada de 4850-4550 AP. Descoberta em 1990, sofreu obras de conservação em 2005-07 e foi classificada como I.I.P.

A **câmara** poligonal, com cerca de 9,8 m² e 2,6 m de altura, é composta por sete esteios, quatro deles com pinturas que representam figuras animais e humanas, em estilo geometrizado, a vermelho vinho e uma a preto. O **corredor** [3] de 4 m é delimitado por dez esteios, com 1,67 m de altura média. Da **entrada** [4] de dois pilares e uma cobertura resta apenas um. Também do **átrio** restam algumas pedras, em disposição desorganizada [1], que delimitavam o espaço aberto circular.

No seu interior foram identificados restos humanos referentes a oito indivíduos de diferentes idades, bem como objectos da vida quotidiana — lascas, facas, lâminas, pontas de seta, foicinha, machados, enxós, contas de colar e fragmentos de cerâmica: 11 bordos e fundos, 4 bordos decorados com um bordo com mamilo alongado (depositados no Museu Terras de Beateiros).

Estes achados permitiram determinar a sua ocupação durante o Neolítico Final e o Calcolítico.